

A LÓGICA DA CRIAÇÃO LITERÁRIA DE SIMÕES LOPES NETO¹

Cláudia Antunes
Doutoranda em Letras/PUCRS

Esta comunicação resulta da dissertação de mestrado *Simões Lopes Neto: a lógica da criação literária; o exemplo do conto “O negro Bonifácio”*, orientada pela professora Regina Zilberman e defendida em agosto de 2001, na PUCRS. O trabalho insere-se em duas correntes teóricas: da crítica textual — com o estudo da primeira edição da obra, em 1912, e de três edições críticas organizadas por Aurélio Buarque de Holanda (1949), Lúcia Chiappini (1988) e Aldyr Garcia Schlee (2000) — e da crítica genética — confrontando os textos organizados pelo próprio autor para publicação em revista (1911) e livro (1912).

A proposta de estudar a lógica da criação literária de Simões Lopes Neto a partir do exame das variantes do conto “O negro Bonifácio” iniciou ao compararmos o texto da *Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul* (de dezembro de 1911 a abril de 1912) e da primeira edição em livro, editada em setembro de 1912 pela Livraria Universal. Na ocasião, constatamos que o escritor havia trabalhado exaustivamente na transposição do texto da Revista para o livro.

Com o objeto de estudo definido, buscamos localizar outros contos, integrantes da obra *Contos gauchescos*, que houvessem sido publicados em periódicos antes do lançamento em livro. Nossa intenção era tentar encontrar outra versão de “O negro Bonifácio”, intermediária entre a Revista e o livro.

Durante a fase de coleta de dados para essa pesquisa, encontramos, nas páginas do jornal pelotense *Diário Popular*, doze contos, contidos na obra *Contos gauchescos*. O primeiro deles “Duelo de Farrapos” veio a público em setembro de 1911, no dia 20 de setembro, aniversário da

¹ Usamos esse termo como sistema apresentado dentro de uma lógica lingüística da criação literária, conforme a aceção de Käte Hamburger. Cf. HAMBURGUER, Käte. *A lógica da criação literária*. São Paulo: Perspectiva,

Revolução Farroupilha e, portanto, um ano antes de seu lançamento em livro. O restante foi publicado de março a maio de 1912, sempre às quintas e domingos.² Cada edição do jornal trazia um conto completo, estampado na capa, em formato folhetim. Quando o texto ultrapassava oito colunas era então dividido, ocupando o mesmo formato na página dois do jornal.

Outra descoberta que a pesquisa proporcionou foi a crítica pioneira sobre Simões Lopes Neto, publicada no mesmo jornal, em novembro de 1912, pelo poeta Januário Coelho da Costa.³ Até então, se pensava que a primeira crítica havia saído no jornal *Correio do Povo*, em 1913, escrita por Antônio de Mariz. Também foram encontrados vários registros nos jornais da época referentes ao lançamento do livro *Contos gauchescos*. Da mesma forma, na ocasião da morte do autor, vários foram os jornais que manifestaram o pesar pela morte do escritor, descrevendo-o como importante nome da literatura rio-grandense, conhecido dentro e fora do Estado.

O livro *Contos gauchescos* é considerado uma das obras mais importantes do Regionalismo brasileiro. Com esse trabalho, Simões Lopes Neto despertou o interesse da crítica nacional graças a originalidade de seu estilo, capaz de aliar o regional e o nacional. O autor publicou três livros em vida, todos editados pela Livraria Universal, de Pelotas, de propriedade de Echechique & C. Editores. Depois de sua morte, em 1916, foram publicados dois outros livros: *Casos do Romualdo*, escrito em 1914 em formato folhetim nas páginas do jornal *Correio*

² O primeiro conto a sair foi “Duelo de Farrapos”, em 20 de setembro, por ocasião das comemorações da Revolução Farroupilha. Outros onze foram encontrados entre os meses de abril e maio no mesmo jornal. São eles: “No manantial” (31/3/1912); “Trezentas onças” (4/4/1912); “O boi velho” (7/4/1912); “Correr eguada” (11/4/1912); “Melancia-Coco Verde” (14/4/1912); “O anjo da vitória” (18/4/1912); “Os cabelos da china” (21/4/1912); “O mate do João Cardoso” (25/4/1912); “Chasque do Imperador” (28/4/1912); “Jogo do Osso” (1º/5/1912) e “Penar de velhos” (5/5/1912).

³ *Diário Popular*. Pelotas, 2 nov. 1912. p. 1.

Mercantil e descoberto por Carlos Reverbel, que o publicou em 1952 pela editora Globo; e *Terra gaúcha*, escrito desde 1910 e publicado pela Sulina em 1955, graças ao esforço de Manoelito de Ornellas e Mozart Victor Russomano.

Entre os textos que fazem parte do livro *Contos gauchescos*, os contos “Trezentas onças”, “O negro Bonifácio”, “No manancial” e “Contrabandista” figuram entre os mais importantes, sendo referidos em várias antologias do gênero. Contudo, o fato mais relevante para o estudo de “O negro Bonifácio”, em especial, se justifica por ele ser o único, entre os textos que sobreviveram, em que Simões trabalhou exaustivamente visando à publicação em livro. Os outros doze contos encontrados não apresentam mudanças significativas diante da forma adotada na primeira edição.

Práticas de edição

As primeiras edições de Simões Lopes Neto são raridades bibliográficas, contudo, tivemos acesso a elas graças ao trabalho de preservação oferecido pelas bibliotecas e por colecionadores particulares. A etapa de colação foi feita diretamente com esses exemplares, por meio de cópia fotografada ou digitalizada dos mesmos. Foi eleito como exemplar de base o texto de 1912, livro editado pela Livraria Universal, em Pelotas.

A edição de base foi cotejada, na fase de colação, primeiramente com o texto da *Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul*, também autoral. Em um segundo momento, o exemplar de base foi confrontado com as edições críticas de Aurélio Buarque de Holanda, Lígia Chiappini e Aldyr Garcia Schlee.

As principais variantes registradas entre a edição da *Revista da Academia* e a primeira edição em livro podem ser organizadas por grupos, a partir de suas peculiaridades. Para isso,

optamos por distribuí-las em dois tipos — externas e internas — que correspondem, respectivamente, às variantes possivelmente ocasionadas pela interferência de editores, revisores e tipógrafos, e àquelas resultantes das escolhas do escritor.

As variantes externas referem-se, então, às modificações de diagramação, de ortografia e de erros tipográficos, e as variantes internas dizem respeito às mudanças de pontuação, de inserção e exclusão de texto, de troca de palavras entre as duas edições e de redistribuição da matéria na estrutura do conto.

As duas edições iniciais do conto “O negro Bonifácio”, na Revista e no livro, apresentam muitas diferenças que mereceriam destaque. A possibilidade de confrontar as duas edições autorizadas pelo autor assume importância, uma vez que, até o momento, esses são os únicos documentos que restaram em que se pode acompanhar as escolhas de Simões Lopes Neto e tentar conhecer, ao menos em parte, seu processo de criação.

Considerando os tipos de modificações encontradas — externas — diagramação, ortografia e erro tipográfico — e internas — pontuação, inserção/exclusão, troca de palavras e redistribuição da matéria — se pode constatar que, em geral, ocorreu a intensificação dos sentidos. A forma definitiva acentua a fluidez oral da narrativa e intensifica a carga emocional da história por meio de recursos sintático, semânticos e discursivos.

Através das variantes pode-se perceber o trabalho artesanal pela busca da forma apropriada. Em um esforço reflexivo, pode-se visualizar as marcas no texto: rasuras, notas, rabiscos, emendas. As mudanças entre as edições põem à mostra uma das facetas do processo criativo do escritor — a busca pela expressão perfeita, pelo ritmo, pela música subjacente ao sentido, pela gradação do discurso — recursos que conduzem a momentos de ternura e violência,

procurando aumentar a expressividade. Caso exemplar é o da reelaboração da estrutura dos episódios, mudando, sobretudo, a parte que irá finalizar a história.

O resultado final é a sucessão de acontecimentos, revelados aos poucos, numa violência crescente que culmina com a vingança da Tudinha, gerando o espanto de todos. O processo discursivo utilizado por Simões Lopes Neto, entremeado pelas referências ao interlocutor — “Escuite!” — remete à idéia de um leitor que participa da história, revivendo-a no ato da leitura.

Acompanhando a história editorial dos *Contos*, é possível verificar diversas variações em relação ao texto original. Em cada publicação, seja por descuido ou por intervenção do editor, é possível perceber que as edições apresentam variantes entre si e entre o primeiro empreendimento em livro — único publicado em vida e que, portanto, representa a provável vontade do autor — e as edições póstumas.

O estabelecimento de texto, embora procure recuperar a forma primeira do livro, a partir de uma edição considerada genuína e aproximada da intenção do autor, revela as escolhas dos editores. Inseridas em correntes críticas diversas, ao corrigirem os descuidos e abusos das lições anteriores, essas edições podem acabar interferindo na obra original, seja por critérios estilísticos ou gramaticais.

Esse fato pode ser observado, principalmente, no que diz respeito às decisões que envolvem a ortografia e a pontuação. Aurélio Buarque de Holanda, apesar de ter realizado um aprofundado estudo acerca da linguagem e estilo de Simões Lopes Neto, questiona o excesso de reticências e exclamações usadas pelo autor e, por apreço à norma, interfere, por vezes, na pontuação. No outro extremo, o escritor Aldyr Schlee reinterpreta várias passagens e pontua-as à sua maneira. De qualquer modo, nenhuma das edições está errada, elas apenas divergem quanto

aos objetivos dos editores. As variantes podem ser explicadas de acordo com a intenção de cada editor crítico, o que corresponderia às visões do lingüista, do acadêmico e do escritor.

O negro Bonifácio: um estudo genético

O trabalho do escritor consiste em planejar, esboçar, rascunhar, emendar, escolher, para só depois, dar seu projeto como pronto e encaminhá-lo à publicação. A reformulação, em maior ou menor grau, faz parte do ato da escrita. Alguns autores guardam seus rascunhos, notas e versões, conservam os originais enviados às editoras e protegem a história de seus textos. Outros, por razões diversas, deixam que esse material se perca.

Infelizmente, Simões Lopes Neto faz parte da segunda categoria. Dos seus manuscritos e originais, praticamente nada sobreviveu. Os únicos manuscritos literários autógrafos, conhecidos, referem-se a dois trabalhos diferentes: ao prefácio de *Terra gaúcha* (1904) e à obra inacabada *Recordações da infância* (s/d). Os textos impressos representam a maior possibilidade de estudo das fontes primárias do escritor gaúcho, são peças de teatro, conferências e, principalmente, textos de jornais e revistas.

O espaço do jornal é rico em informações para o crítico. Nele, estão presentes outros espaços de produção de linguagem dentro de diferentes práticas intertextuais: cultural, política, social, etc. A produção literária no interior do jornal mantém relação com o periódico, as notícias, a publicidade, as ilustrações, as fotografias, as manifestações da cidade e do seu cotidiano.

Após o estudo crítico, tendo em vista o texto original e a tentativa de fixá-lo conforme à última vontade do autor, sentimos a necessidade de complementar o trabalho sob novo ponto de vista — do processo de criação do escritor — seguindo os pressupostos da crítica genética. O estudo da gênese textual compreende a análise de todos os documentos disponíveis anteriores à

obra publicada, que permitem a observação das marcas do processo de criação, chamados de paratextos.

Há casos, porém, em que um texto impresso sofre alteração do autor e não há originais que demonstrem a passagem para a publicação. Quando isso acontece, a obra, que já fora considerada final, se transforma em esboço novamente, e o trabalho genético pode ser refeito fora do texto gerador, recuando ao texto final editado. Nesse caso, se têm duas formas textuais, mas não se têm as rasuras dos textos. Ainda assim, o percurso criativo pode ser refeito, a partir da interpretação dos textos que sobreviveram e que compõem as diversas tentativas de geração de um texto definitivo.

Todo autor reformula, em maior ou menor grau, a matéria escrita em busca de melhores soluções para a construção literária. A prática de rasurar, emendar e reutilizar textos anteriores em novos trabalhos é comum no trabalho com as letras, e tal exercício faz parte também da lógica de criação do autor dos *Contos gauchescos*. João Simões era um escritor extremamente fecundo. Produziu discursos, conferências, textos jornalísticos, teatrais, científicos, históricos e literários, e que muitas vezes se cruzam, sendo reapresentados em novas oportunidades.

A presença do mesmo texto, apresentado em contextos diferentes, confundindo o narrador ficcional dos *Contos gauchescos* com o homem João Simões, aumenta a dificuldade de mapear a lógica discursiva do texto. Afinal quem está falando: Blau ou Simões?⁴ Devemos seguir a lógica do narrador culto ou do contador popular? Para essa questão, a proposta de Phillippe Willemart⁵ parece bastante adequada. Willemart distingue escritor (homem), scriptor (sujeito que

⁴ Os críticos literários divergem em relação à identidade do narrador que introduz Blau Nunes. Optamos por diferenciar Simões Lopes Neto, o autor, do narrador dos *Contos gauchescos*. As correspondências que existam entre eles são explicadas no universo ficcional.

⁵ WILLEMART, Phillippe. Intenção do autor, vontade do autor ou lógica do texto. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, n. 33, p. 128-135, 1992.

atua no decorrer da escritura) e autor (instância que confirma o texto e assina). Para ele, o conceito de autor está ligado à coerência do texto, portanto, o estudo do texto e das suas variantes aponta uma lógica inerente. Muito mais do que o reflexo da vida pessoal do escritor, se trata da lógica do texto, da língua que deu esse resultado.

De todas as edições do conto, sem dúvida, a primeira, única em vida, é a mais valiosa por permitir avaliar a vontade do autor. Contudo a publicação na Revista levanta dúvidas em relação às filiações textuais, que indicam mudanças em direção à forma genuína. Valendo-nos da crítica conjectural, acreditamos que a primeira edição e a publicação em revista derivam de dois arquétipos.⁶ Entendemos que o autor, enquanto preparava o livro, já na fase final, deixou uma cópia na Revista, em 1911, que foi publicada alguns meses antes do livro. O texto, então, teria sofrido alterações quando de sua revisão final para a publicação em setembro de 1912.

O exame da construção da narrativa de “*O negro Bonifácio*” utilizou as noções de prototexto, protonarrador e protonarratário,⁷ tomando por base, os trabalhos de Gerard Genette,⁸ Gilberto Pinheiro Passos⁹ e Maria Lucia de S. Agra.¹⁰

Em um exercício reflexivo, não é difícil perceber nos dois textos examinados o caráter de dinamicidade e as marcas de transição. As rasuras, embora ocultas, estão presentes nas propostas de substituições, de supressões, de inclusões, de redistribuições da matéria, de

⁶ Manuscrito reconhecido como, dentre os existentes, o que mais se aproxima do original perdido.

⁷ Os termos prototexto, protonarrador e protonarratário referem-se, respectivamente, a texto em formação, voz que orienta a construção do texto, leitor ou interlocutor do texto em processo. De outro lado estão o narrador e o narratário, que ocupam seus lugares somente quando o texto é dado como pronto.

⁸ GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Veja, s/d.

⁹ PASSOS, Gilberto Pinheiro. Em busca do protonarrador no manuscrito de “Heródias” de Gustave Flaubert. *Anais do I Encontro de Crítica Textual: O manuscrito moderno e as edições*. São Paulo, FFLCH/Universidade de São Paulo, 1986, p. 245.

¹⁰ AGRA, Maria Lucia de S. O protonarrador. *Revista Manuscrita*. N. 3. São Paulo: APML, 1992, p. 40-61.

alterações da pontuação, de correções a desarmonias semânticas, a defeitos de estilo e a erros gramaticais.

Diante do olhar atento das versões do conto “*O negro Bonifácio*” revela-se a imagem do manuscrito rabiscado. O tipo de rasura mais freqüente no conto foi de substituição, seguida de exclusão e inserção; os deslocamentos apesar de extremamente relevantes para a lógica da narrativa, foram poucos. O número de ocorrências foi equilibrado, mas apresentaram variações na posição do texto em que se encontravam. Na primeira parte (apresentação/descrição) houve maior incidência de exclusões; na segunda (ação), que é bem maior que as outras, ocorreram mais substituições; e na terceira (conclusão), ocorreram mais inserções, sendo que esta é a menor parte do texto.

De acordo com o estudo das rasuras dos textos de Simões Lopes Neto, verificamos a presença de dois tipos de comportamento do protonarrador: um protonarrador-estilista, que testa a eficácia da escritura, sendo influenciado pelo olhar do autor-leitor e um protonarrador-comunicador, preocupado com os efeitos da comunicação e em constante diálogo com o protonarratário — destinatário do texto em construção. Esses dois comportamentos regem a lógica de criação literária do autor, com vistas a ajustar os sentidos e provocar os efeitos expressivos e estéticos desejados no texto final.

A lógica da criação literária de Simões Lopes Neto é a lógica da experimentação e da combinação. Seus textos são híbridos: combinam a fala popular e a erudita, a língua portuguesa e o espanhol, o humor e o trágico. Ele próprio transitou sempre entre fronteiras: pertenceu à família rica e morreu pobre, amava o campo, mas era da cidade, transitou entre história, educação, comunicação e arte.

O registro da fluidez da oralidade fixada na escrita é seu achado mais precioso. Através da exuberância das marcas de pontuação, da repetição de termos, do linguajar típico do gaúcho e da sonoridade e do ritmo produzidos pela fala peculiar do homem do campo, a poética da criação simoniana garantiu a perpetuação da memória através do texto. Por essas razões, o testemunho do trabalho criativo do escritor, revelado a partir das versões do conto “O negro Bonifácio”, permite que se analise a interface entre a imaginação livre e a imaginação consciente e criadora do autor.